«COMUNICAÇÃO – ESCOLA – FAMILIA: qual o papel da oralidade e da escrita?»*

No âmbito do *Projecto de Multiculturalismo e Educação Intercultural em Portugal e na União Europeia* (financiado pelo Programa PRAXIS XXI), está em desenvolvimento um subprojecto de investigação que se intitula «O Envolvimento dos Pais na Educação dos Seus Filhos». Este subprojecto tem como objectivo estudar as relações que as escolas estabelecem e desenvolvem com as famílias. Estas relações parecem assumir características muito diversificadas, variando com os grupos sócio-culturais que frequentam a escola e com os tipos de posicionamento que os professores e a escola assumem no âmbito das suas actividades. Assim sendo, analisar os tipos de relacionamento que existem entre a escola e as famílias pode contribuïr para uma maior compreensão dos problemas de sucesso/insucesso de grupos mais desfavorecidos. As perguntas-chave do estudo são: de que modo estão as escolas a relacionar-se com o seu meio?; estão as escolas a tentar, realmente, identificar e interpretar as ideias e as perspectivas dos pais?; quais são as áreas significativas de interacção escola-pais? o bem-estar geral das crianças? a gestão da escola e as tomadas de decisão? o comportamento dos(as) alunos(as)?; como é que se articulam os pais de filhos desfavorecidos nas relações escola-pais; que estratégias poderão ser utilizadas de forma a envolver pais de grupos social e culturalmente distantes da norma valorizada pela escola?

* Organização de Luiza Cortesão e Steve Stoer (investigadores do Centro de Investigação e Intervenção Educativas da FPCE/UP).

Educação, Sociedade & Culturas, nº 8, 1997, 121-133

A pesquisa está a ser realizada em duas escolas do 1º ciclo do ensino básico: uma escola de plano centenário, com uma população discente mista de portugueses brancos e de origem africana, situada numa zona urbana na fronteira de um bairro de lata e de um bairro residencial de classe média na linha de Estoril/Cascais e outra escola de área-aberta-tipo P_3, localizada numa zona semi-rural no Norte do país onde predomina tradicionalmente a indústria têxtil. A metodologia da pesquisa envolve, além de dados recolhidos através de observação etnográfica, entrevistas e inquéritos a uma amostra de professores, pais e alunos das escolas. A pesquisa também inclui uma componente comparativa realizada através de uma colaboração com dois investigadores ingleses da Nene University College, Inglaterra. Estes investigadores levam a cabo, na zona de Northampton, um estudo com os mesmos objectivos e metodologia em duas escolas «primárias» inglesas.

Os dados que abaixo apresentamos constituem respostas a um inquérito sobre as relações escola-pais escritas por pais das duas escolas (Escola A é a escola da zona urbana; a Escola B é a escola da zona semirural). Estas respostas foram as que adiante se transcrevem.

Escola A

Vou à escola porque:

«Para ficar descansada que o meu filho está entregue».

«Vou todos os dias e como tal estou a par do que a professora deseja saber ou comunicar-me.»

Quando vou à escola, sinto-me bem/mal. Porquê?

«Porque gosto de ouvir dos professores algo deles, como estão nas matérias e como se portam.

«Porque quero saber do quê a minha filha anda a fazer na escola o seu disvolvimento diário».

«Porque gosto de estar informado sobre o comportamento da minha afilhada»

«Porque acho que tenho o direito de saber o que se passa na escola com os meus filhos.»

Muitos pais queixam-se que às vezes é difícil entender o que dizem os professores? Está de acordo?

«Sim, porque de vez em quando alguns professores não têm instrução».

«Eu entendi sempre com os professores desde que me chamem».

«Os professores não são difícil de os compreender, porque expressam muito bem para com os alunos e os encarregados de educação».

«Eu ajo que ele dannos informações dos nossos filhos se estão bons na escola ou não assim eles aprendam melhor se nos derem informações».

«Os professores tratam os assuntos de uma forma simples»

«Creio que costumam ser bastante explícitos».

Como é que se poderia melhorar ou tornar mais fáceis as relações dos pais e encarregados de educação com a escola?

«É os pais devem de vez em quando visitar os professores na escola e também os professores devem escrever aos pais para os informar da situação dos seus filhos».

«Darense bem».

«Embora como já disse eu no meu caso não tenha reclamações a apresentar, creio ser efectivamente de todo o interesse para ambas as partes que haja grande intercâmbio de ideias entre pais e professores sendo que os pais colaborem sempre que para tal são chamados».

«Talvez haver uma informação mais regular da situação do aluno na escola e não só no final de cada período».

Como é que a escola e os professores o/a podiam ajudar mais na educação dos seus filhos?

«Saber se os professores preocupam com os alunos. Principalmente os que têm mais dificuldades, se ligam esse que tem mais dificuldades tem então que ensinar duma maneira mais fácil».

«Não ensiná-los apenas aquilo que são pagos para ensinar mas ensiná-los também a serem humanos. Ajudando nos trabalhos mais difíceis para que fiquem mais lúcides nos trabalhos».

«Insiná-los respeirar e respaitar os professores».

«Os professores poderiam ajudar mais do que os pais e encarregados de educação».

«Tentando dialogar o mais possível com os pais sobre o aluno em questão».

«Com contactos, facilitados, com psicólogos ou profissionais que pudessem contribuir para a educação dos mesmos».

Acham bom que os seus filhos andem na escola? Porquê?

«Para que obtem uma formação intelectual e social de que necessita qualquer ser humano».

«Para que no futuro sejam homens cultos».

Gostaria que os seus filhos tivessem um curso superior? Se sim, porquê?

•Porque seria bom, assim tinha o futuro nas mãos e ter uma boa vida em frentes, porque há profissões muito duras e chatas e aborrecidas•.

•Porque hoje em dia a vida não é tão difícil para quem tem um curso superior•.

Na sua opinião as raparigas devem estudar tanto como os rapazes?

•Vi a emancipação das mulheres hoje em dia no mundo: as mulheres são iguais com os homens portanto devem estudar como os homes•

•Porque as raparigas são igoais aus rapazes•.

•Acho que a inteligência não tem sexo•.

A sua escola e a escola em que andam os seus filhos é muito diferente? Porquê?

•Porque na minha escola não ensinavam muito bem as coisas que enginam e nestas escola deviam ensinalas a respeitar melhor•.

•Porque nós antigamente lavavamos palmatoriadas nas mãos e agora não se usa•.

•Sim porque na mnha escola não-me ensinaram os que vocês estão ensinarem os meus filhos sobre relação entre homens e mulheres como é que se fazem. Desculpe mas detesto isso•.

•Primária em animação e melhor, onde andam um de meu filho é triste e ele não gosta diz também que os professores são bons, mas preocupam pouco com eles. Tiram poucas dúvidas, quando há muitas vezes, não lhes dizem o que têm que fazer como têm que estudar e fazem os testes cedo. Com matéria dada incompleta; e quando muito chumbam as vezes a culpa é dos professores. É muitos copiam os testes e alguns professores vêm e fingem em não ver e o Ministério de Educação tem de tomar parte disto, e deviam saber se os alunos são contra os professores e uns avaliam mal, não vim o esforço que os alunos fazem para passar o ano. É isso tem que mudar•.

•Pois no meu tempo havia mais respeito, mais disciplina, as regras tinham de ser cumpridas•.

•Porque eu tive uma educação (escola) nos EUA, e tem uma organização e método de funcionamento (condições) muito superiores mas um ensino um pouco inferior•.

•Em 1960 tínhamos um universo e agora temos outro•.

•Acho ser uma boa escola, pôr ser do Estado não quer dizer nada, o que é importante tendo vontade de estudar tanto faz, estou satisfeita•.

Escola B

Quando vou à escola, sinto-me bem/mal. Porquê?

•É falar dos interesses dos nossos filhos•.

•Porque Quéro que a Minha Filha Aprênda Bem e Não ande a Perder Têmpo•.

•Porque quero saber sobre comportamento dos meus educandos na escola•.

•À vontade, porque não há razão para que assim não seja. Interessada, porque se assim não fosse não haveria razão para lá ir. É sempre muito interessante para nós saber como se comporta o nosso filho na nossa ausência e sobretudo no local onde passa a maior parte do seu tempo•.

•Qualquer assunto relacionado com a educação do meu filho é importante•.

•Porque sinto que a relação professor-aluno-encarregado de educação é uma relação aberta a todos os problemas da escola•.

Muitos pais queixam-se que às vezes é difícil entender o que dizem os professores? Está de acordo?

•Os professores falam muita rápido e as vezes dizem palavras que nos não entendemos•.

•Motivo de não compreender o significado de muitas palavras•.

•A minha opinião é se não entendo pergunto•

•Porque nem todas as pessoas têm o mesmo nível de compreensão e facilidade de atingir o que realmente os professores pretendem•.

•Penso que explicam as coisas muito por alto e o grau de compreensão das pessoas não é todo o mesmo•.

Se deu alguma ajuda em actividades na escola, diga como é que ajudou?

•Fazendo parte das comissoes de Pais im fistas, colonias de fèrias passeios, ètc, ètc.•.

•Ajudou, peronto, dar dinheiro•.

•Cantando os Reis, ajudando a preparar e organizar os cortejos carnavalescos•.

•Com dinheiro, porque para ajudar com os trabalhos para as festas a minha profissão não o permite•.

Como é que se poderia melhorar ou tornar mais fáceis as relações dos pais e encarregados de educação com a escola?

•Com mais papéis de informação sobre todas as actividades além das reuniões de pais; e após as reuniões de pais ser passados papeis para todos os pais, pois ás vezes não é possível a sua ida; e assim seria todos mais informados•.
•As Relações Pais Professôres, para Serem Melhoradas, Só à Maneira Possível, Aver Mais Diálogo E Empenho No Ensino para Com as Crianças Mais Nessisitadas, E Com Dificoldade•.
•Estipular um dia e hora da semana para atenderem os pais que estiverem interessados•.

Como é que a escola e os professores o/a podiam ajudar mais na educação dos seus filhos?

•Melhor explicacão aôs alunos porque torna-se dificil certas explicacões•.
•Dizendo quais as dificuldades do aluno sempre que preciso•.
•Para Bom as Criancas Como a Minha Filha Acho Que Deviam Ensínar Mais e Encêntivos mais ao Ensino•.
•Ensinar mais a vivência dos valores do dia a dia, a Justiça e a liberdade a que todos temos direito e menos contas de •multiplicar e somar•. Desculpem-me se não me faço entender. Mas a minha intenção é dizer realmente o que me vai na alma.
•Mentalizar os alunos que são todos iguais mesmo sendo filhos de quem são•.
•Ensinando-os a respeitarem os colegas, a assumirem responsabilidades e tomarem decisões•.
(...). É preciso fazer sentir os valores éticos em primeiríssimo lugar•.

Acham bom que os seus filhos andem na escola? Porquê?

•Porquê quero o milhor para o meu filho que saiba ler e escrever•.
•Para que não sejam analfabeticos e que mais tarde tenham um futuro bom•.
•Todas as crianças devem frequentar a escola para poderem aprender a ser cultos e não analfabetos como antigamente•.
•Porque caso contrário seriam analfabetos e não poderiam acompanhar o mundo•.

Gostaria que os seus filhos tivessem um curso superior? Se sim, porquê?

•Eu tinha bontade de Têr o meu filho a estudar mas as minhas pussibilidades financeiras não tênho pucibilidades para mais•.
•Pois com a formação superior ou então um curso técnico-profissional têm mais possibilidades de singrarem na vida•.
•Para ter um futuro mais brilhante e não ter um futuro incerto•.

Na sua opinião as raparigas devem estudar tanto como os rapazes?

•Porque os rapazes e as raparigas devem ter a mesma igualdade•.
•Não vejo que tenha que haver diferenças•.

A sua escola e a escola em que andam os seus filhos é muito diferente? Quais as diferenças que considera mais importantes?

•Para mim a diferença com muitas porque no meu tempo não se passava da primeira quelaçe cem aprendêr a lêr ou escrever e aguora têm quatro anos para prendêr tudo esto•.
•A aprindizagem, no meu tempo aprindia-se, hoje fase-se macacos bonecos e so ao fim de alguns anos sabe ler ou faser contas•.
•As crianças, agora, têm um professor como amigo, alguém que gosta deles e lhes ensina, há liberdade de expressão, há diálogo sem restrições não há violência e por isso não há medo da escola•.
•Era um sistema mais rígido em que havia pergunta-resposta professor-aluno e portanto sem a liberdade de expressão e expansão da capacidade de cada um. O empenho é maior assim como a responsabilidade e no fim a *compensação*•.

2ª Parte

Comentário de Dulce Pereira*

Chegam – escritas – vindas de duas zonas do país, uma urbana, outra semi-rural. São vozes de encarregados de educação, na sua maioria pais, em resposta a um conjunto de questões sobre a relação entre eles, os filhos e a escola.

De cada um, nada sei ao certo. Nem idade, nem origem social, nem grau de instrução... Resta-me a linguagem, lugar, afinal, onde verdadeiramente se cumpre o diálogo.

A linguagem falada é um mundo em que se cruzam o dito e o não dito ou o que ficou dito mesmo sem se querer dizer. Para além dos princípios, regras e unidades que mobiliza, cada enunciado traz em si o risco de uma maior ou menor adequação às intenções expressivas e comunicativas do falante e às situações de comunicação tal como são socialmente definidas e avaliadas. E como falar é uma relação, para ser cumprido, o enunciado depende ainda da capacidade de interpretação do outro, do saber partilhado, dos seus juízos de valor, do seu desejo de aceitação.

A consciência de tantos riscos dá um sentido novo ao velho aforismo que diz que «palavras leva-as o vento». Por isso a ciência procura alternativas formais que contrariem ambiguidades, conotações, mal-entendidos.

Não é esse formalismo, naturalmente, que devemos esperar da linguagem do quotidiano que estrutura as relações entre a escola e as famílias. Assim mesmo, não será demais exigir algum rigor e cuidado linguístico que assegure uma maior probabilidade de correlação entre as intenções comunicativas e as interpretações. Ao menos por parte da escola que tem como função, entre outras, a de ser uma instituição de palavra.

Expressões como *informação, explicação, diálogo, intercâmbio de ideias*, todas elas pressupondo o uso da linguagem oral ou escrita, ressaltam do discurso dos pais sobre o modo de desenvolver as relações com a escola e de promover uma educação conjunta das crianças.

E, no entanto, se atentarmos na pergunta crucial que diz respeito ao entendimento entre pais e professores («**Muitos pais queixam-se de que às vezes é difícil entender o que dizem os professores. Está de acordo?**»), verificamos, numa primeira análise, o seguinte:

Das doze respostas dadas, aparentemente só cinco apontam para a existência de dificuldades:

– centradas no professor: «falam muita rápido e às vezes dizem palavras que nós não entendemos»; «explicam as coisas muito por alto»; «alguns professores não têm instursão»;

– centradas nos pais: «motivo de não compreender o significado de muitas palavras»; «nem todas as pessoas têm o mesmo nível de compreensão».

Mas uma análise mais atenta revela-nos que alguns inquiridos, de facto, não entenderam a própria questão.

Num dos casos, a resposta é irrelevante em relação à pergunta: «eu ajo que ele dannos informações dos nossos filhos se estão bons na escola ou não assim eles aprendam melhor se nos derem informações»

Noutros dois casos, é o valor da palavra *entender* que está em causa. Ignorando a construção sintáctica transitiva em que o verbo está inserido, os pais em questão interpretam este último como *entender-se*, com o significado de *dar-se bem*. Só assim se compreende uma resposta como: «eu entendi sempre com os professores desde que me chamem». A esta luz, ganha também novo significado a afirmação um tanto insólita de que a causa dos desentendimentos é «alguns professores não terem instrução».

Se pensarmos que a linguagem da escola está muito mais perto da linguagem das perguntas do que da da maioria das respostas, podemos imaginar quantos desacertos, quantos desencontros atravessarão as *informações*, as *explicações* e o *diálogo* que os pais tanto preconizam...

Resta-nos a resposta para todos os males: «**a minha opinião é se não entendo pergunto**». Um ovo de Colombo para as relações verbais entre escola e família, nos dois sentidos. Mas um ovo de Colombo que, para se aplicar, exige uma grande mudança de mentalidades.

A escola está, por inerência de funções, associada à norma linguística. Embora poucos saibam definir o que entendem por norma ou descrevê-la objectivamente, faz parte do senso comum considerá-la uma variedade mais prestigiada da língua. Essa carga simbólica cria, frequentemente, naqueles que

* Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

EDUCAÇÃO
SOCIEDADE & CULTURAS

se sentem exteriores a ela, uma imagem de inferioridade que gera inseguranças e pode levar ao silêncio.

Simetricamente, os que se consideram detentores da norma fazem às vezes do seu saber um capital linguístico que usam como sinal exterior de riqueza, mais do que como fonte de capacidades expressivas, comunicativas e interpretativas, caindo em excessos verborreicos e em fracassos de comunicação.

Mudar as mentalidades, neste domínio, pressupõe restabelecer a verdade dos factos, acabar com a «amnésia da génese», no dizer de P. Encrevé.[1] Isto é, contrapor à real superioridade hierárquica da norma, em termos sociais, a não menos real equivalência das múltiplas variedades (em que se inclui a dita norma), em termos linguísticos.

Nesta perspectiva, também os professores, e não só os pais, podem **não entender.** Colocadas as diferenças no seu devido lugar, caberia então a todos, e para bem de todos, assumir militantemente a postura desinibida e realista do encarregado de educação acima, para quem **se não se entende, pergunta-se.**

Isto, se estivermos a falar a mesma língua porque, cada vez mais, as comunidades e a própria escola tendem para o multilinguismo, o que radicaliza o problema do entendimento mútuo, tendo levado alguns países europeus a assumir o bilinguismo escolar e a figura do professor intérprete[2].

Por outro lado, precisamos de mais ovos de Colombo, porque este não resolve todas as facetas do problema, nomeadamente aquelas que escapam à consciência dos falantes.

Falando de perguntas, farei outras duas:

Como perguntar, se não soubermos que não entendemos?

E, glosando João dos Santos[3], **porque perguntar, se não sabemos?**

[1] Na linha das perspectivas sociológicas de P. Bourdieu, P. Encrevé refere-se assim ao esquecimento da «origem social das gramaticalidades» e à aceitação, como «natural», de uma hierarquização simbólica na realidade historicamente determinada. Cf. «Présentation: Linguistique et Sociolinguistique». *Langue Française*, 37, Maio de 1977: p. 8.

[2] É o caso de países como a Holanda, o Luxemburgo ou a Alemanha. Entende-se por ensino bilingue aquele em que «duas línguas coexistem, não apenas como matérias de ensino, mas como línguas de comunicação, de aprendizagem e de cultura», como afirma J. Duverger em *L'Enseignement bilingue aujourd'hui*, Albin Michel, 1996: p16.

[3] V. João dos Santos, *Se não sabe por que é que pergunta? Conversas com J. Sousa Monteiro*, Lisboa, Assírio & Alvim, 1988.

F.P.C.E. BIBLIOTECA U.P.

Em relação à primeira, gostaria de contar uma pequena estória do meu álbum das coisas da linguagem.

Há poucos dias, no norte do país, reparando que as várias referências a um congresso em que ia participar o davam como realizando-se no *campus da universidade,* e não querendo fugir aos hábitos da região, pedi a um taxista que me levasse ao dito *campus.* Aí, ele foi taxativo: «Não pode ser, ou a levo ao campo, ou à universidade». Pensando ainda que estava a brincar comigo, repeti. A resposta, veemente e, afinal, ingénua, foi a mesma. Hesitei entre o riso contido e a explicação e expliquei.

Este homem não precisava de perguntar, porque ele sabia muito bem o que tinha entendido e o que estava a dizer. Se havia ali alguém ignorante, era eu.

De facto, o nosso mundo de referências era bem diferente, tal como diferentes são os mundos de referência dos professores e dos vários pais, marcados por léxicos, culturas, vivências e até línguas plurais.

Quando um pai de origem crioula, por exemplo, se queixar ao professor de que o seu filho *empresta um menino um livro* e que não quer coisas dos outros lá em casa, perceberá o professor que não se trata de uma incongruência, mas que, na verdade, influenciado pela estrutura da sua língua materna, o que ele quis dizer foi que o seu filho *pediu um livro emprestado a um menino?*

Se os pais têm a sorte de partilhar a linguagem da escola, tudo bem. Se não, sobre que mundos paralelos assentará o aparente diálogo entre a escola e a família?

Se eu fosse mãe e se me perguntassem, como no inquérito, «como é que se poderia melhorar ou tornar mais fáceis as relações dos pais e encarregados de educação com a escola?», entre outras coisas diria, por certo: **ensinando os professores a ler**. A ler a linguagem dos outros. E, como bons leitores, a antecipar, a descodificar as pistas, a colocar hipóteses sobre significados e intenções. E, naturalmente, a prever como os outros lêem. Talvez assim pudessem verdadeiramente cumprir o seu papel, todos os *papéis de informação* desejados pelos pais.

E depois, **falando**, falando muito, porque, ao fim e ao cabo, da confusão nasce a luz.

Voltando à segunda pergunta: **porque perguntar, se não sabemos?**

Esta é outra questão crucial no relacionamento entre famílias e escolas.

Cabe à escola dar aos professores e aos pais meios para fazerem perguntas pertinentes e para poderem ser actuantes.

Aos professores, dar-lhes a conhecer culturas, vivências, línguas e linguagens, aos pais, os princípios, os métodos, as regras e as suas razões.

Lembro-me de que um dia, em Cabo Verde, propus que se desse aos alfabetizandos adultos um pequeno *gazadju*[4] a meio das sessões, para ajudar à sua concentração e bem-estar. Por exemplo, leite. Felizmente fiquei-me pela proposta, porque a discuti previamente e porque houve alguém atento e sensível que me mostrou como isso seria mau, quase ofensivo. Poderá uma mãe beber leite se o filho estiver com fome em casa? *Gazadju*, sim, mas algo que se reparta, que se leve para casa...

Foi uma lição de relações entre escola e família.

E os pais? Se o pai, por exemplo, não sabe ler, como poderá ajudar o seu filho a ler? Mas se souber que, para ler bem, é preciso conhecer muitas palavras, não terá ele tantas para ensinar? E não poderá perguntar como o fazer? Isto, claro, independentemente da possibilidade de a escola se propor ensinar o próprio pai a ler...

Seria pelo menos uma boa razão para que ninguém dissesse apenas: «vou à escola para ficar descansada que o meu filho está entregue».

Olhando mais de perto todas as outras respostas ao inquérito realizado no âmbito do projecto *O Envolvimento dos Pais na Educação dos seus Filhos*, vemos que, embora em graus diferentes, existe ainda, da parte dos pais, um nível relativamente recuado de perguntas e de expectativas relativamente a esse envolvimento.

Os pais têm, à partida, as suas ideias, os seus códigos de leitura do que a escola espera deles e eles esperam da escola: diálogo, informações regulares sobre o desenvolvimento dos filhos ao nível dos saberes e do comportamento, colaboração mútua, disponibilidade dos professores para os receberem em horários adequados. E é a essa luz que vão reagindo às questões propostas.

É interessante verificar que a pergunta que é menos vulgar neste tipo de inquéritos («Quando vou à escola sinto-me bem / mal? Porquê?») é aquela que,

[4] *Gazadju* significa originalmente, em caboverdiano, um presente que se dá a uma visita, por amizade.

com uma única excepção («À vontade, porque não há razão para que assim não seja»), menos respostas directas recebe, como acontece com esta: «Porque acho que tenho o direito de saber o que se passa na escola com os meus filhos».

Há no entanto algumas linhas de força divergentes, a nível dos conteúdos veiculados, que podemos correlacionar com duas variáveis: a região (urbana (**U**) ou semi-rural (**R**)) e o tipo de linguagem utilizada, do ponto de vista da estrutura gramatical e textual e da diversidade e adequação lexical.

Os valores desta última variável tornam-se evidentes se compararmos as seguintes respostas:

Na escola da zona urbana:

«Saber se os professores preocupam com os alunos. Principalmente os que tem mais dificuldades, se ligam esse que tem mais dificuldades tem então que ensinar duma maneira mais fácel»

«Tentando dialogar o mais possível com os pais e o aluno em questão».

Na escola semi-rural:

«Para Bom as Criânças Como Minha Filha. Acho que deviam Ensínar Mais e Encêntivos mais ao Encino».

«É preciso fazer sentir os valores éticos em primeiríssimo lugar».

Designarei estes dois tipos de linguagem, apenas para efeitos de referência, como menos estruturada (**LNE**)[5], correspondendo aos dois primeiros membros de cada par, e mais estruturada (**LE**) (a que se aproxima mais da linguagem da escola).

Sendo poucos os dados e de difícil comparação, limitar-me-ei a alinhar algumas impressões gerais que correspondem a outras tantas hipóteses de análise.

Os pais da zona R são nitidamente mais descomplexados em relação à linguagem da escola: afirmam que, por vezes, não entendem (LNE) ou que há quem não entenda (LE) e porquê.

Os pais da zona R com LNE preferem o ensino tal como era antigamente, referindo-se à necessidade de não «perder tempo» na escola.

[5] Convém não esquecer que esta forma de linguagem decorre, em grande medida, do facto de as respostas serem escritas e de alguns dos pais dominarem mal este código.

Todos os pais da zona R vêem na escola um lugar de combate ao analfabetismo.

Os pais de LE consideram que a escola é importante para que os seus filhos venham a ser cultos.

Todos os pais da zona U esperam do ensino superior uma abertura para uma vida menos dura e difícil.

O grupo mais diferenciado é o dos pais da zona semi-rural com LE: valorizam o ensino actual em relação ao do seu tempo, realçando valores como o da liberdade e da justiça, os valores éticos em geral, e o desenvolvimento de atitudes (responsabilidade, capacidade de decisão, humanidade...). São estes que estão em sintonia com a escola e que têm expectativas mais sofisticadas e bem definidas.

Pelo contrário, são precisamente aqueles que utilizam uma linguagem menos estruturada, em ambas as zonas, que mais passivos e dependentes se revelam, esperando dos professores **ajuda** e **explicações** e referindo-se insistentemente a **dificuldades**.

Se nos objectivos do projecto que deu origem a este inquérito se inclui o de, analisando «os tipos de relacionamento que existem entre a escola e as famílias», «contribuir para uma maior compreensão dos problemas de sucesso/insucesso dos grupos mais desfavorecidos», é altura de escutar – e entender – esse grito contido numa linguagem, afinal, não menos gritante.